



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS E ARTES/ICHCA**

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO

(de Trabalho de Conclusão de Curso)

Fora das quatro linhas: trajetórias de jogadoras de futebol alagoanas (Reportagem Multimídia)

NOME DO ORIENTADOR: Lídia Ramires

NOME DO ALUNO: Julita Salgueiro Bittencourt Neta

Maceió, 2023

Fora das quatro linhas: trajetórias de jogadoras de futebol alagoanas (Reportagem Multimídia)

Relatório Técnico submetido ao corpo docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 27 de junho de 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia Ramires

Maceió, 2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B624f Bittencourt Neta, Julita Salgueiro.

Fora das quatro linhas: trajetórias de jogadoras de futebol alagoanas
(Reportagem Multimídia) / Julita Salgueiro Bittencourt Neta. – 2023.
29 f.

Orientadora: Lídia Ramires.

Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 19-20.

Apêndices: f. 21-29.

1. Reportagem - Multimídia. 2. Futebol feminino. 3. Jornalismo
digital. 4. Jornalismo esportivo. I. Título.

CDU: 070.796.332-055.2

RESUMO

O presente relatório trata das experiências e conteúdos teóricos aplicados na produção da reportagem multimídia *Fora das quatro linhas: trajetórias de jogadoras de futebol alagoanas*, como a apuração, escrita e desenvolvimento do trabalho. O relatório traz uma luz para o debate das desigualdades entre os homens e as mulheres para a prática futebol e nas políticas públicas, além de expor as dificuldades, preconceitos e discriminações sofridos por atletas de futebol natural de Alagoas, bem como conscientizar ao leitor sobre a importância de incentivar as mulheres em qualquer esporte e, principalmente, de que o lugar delas é onde elas quiserem. O relatório mostra também que o jornalismo digital proporciona uma narrativa multimidiática, com recursos de áudio, imagens e vídeo. A fundamentação teórica do trabalho tem como pilar as reflexões e conceitos trazidos por Eliane Brum, João Canavilhas, Pollyana Ferrari, Henry Jenkins, Lídia Ramires, René Simões, Máira Telles, Mariana Martins e Ileana Wenzel.

Palavras-chave: Reportagem multimídia; Futebol feminino; jornalismo digital; jornalismo esportivo.

ABSTRACT

This report deals with the experiences and theoretical contents applied in the production of the multimedia report *Fora das Quatro Linhas: trajetórias de jogadoras de futebol alagoanas*, such as the investigation, writing and development of the work. The report sheds light on the debate on inequalities between men and women in soccer practice and in public policies, in addition to exposing the difficulties, prejudices and discrimination suffered by soccer players from Alagoas, as well as making the reader aware of the importance of encouraging women in any sport and, above all, that their place is wherever they want. The report also shows that digital journalism provides a multimedia narrative, with audio, image and video resources. The theoretical foundation of the work is based on the reflections and concepts brought by Eliane Brum, João Canavilhas, Pollyana Ferrari, Henry Jenkin.

Keywords: Multimedia reporting; Women's soccer; digital journalism; sports journalism.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	3
2.	OBJETIVOS.....	6
2.1.	GERAL.....	6
2.2.	ESPECÍFICO	6
3.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
4.	PROCESSO DE PRODUÇÃO	
	JORNALÍSTICA.....	11
	4.1 ESCOLHA DO GÊNERO.....	11
	4.2 PAUTAS	12
5.	RESULTADOS.....	16
6.	CONSIDERAÇÕES	
	FINAIS.....	18
7.	REFERÊNCIAS.....	19
8.	APÊNDICE.....	21
	8.1 APÊNDICE 1.....	21
	8.2 APÊNDICE 2.....	24
	8.3 APÊNDICE 3.....	27

1. INTRODUÇÃO

Há 102 anos, na década de 19, surgiram os primeiros registros de partidas de futebol disputadas por mulheres no Brasil. Estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte tiveram jogos de futebol feminino, à época, mesmo que de maneira discreta.

De acordo com o site Globo Esporte, em uma reportagem especial contando um pouco da história do esporte, as partidas eram tratadas como “show”, ou seja, as mulheres jogando futebol serviam de entretenimento para a sociedade machista naquela época. O que não é diferente de hoje.

Como se já não bastasse a ‘proibição social’ da prática do esporte para as mulheres, em 1941, o Governo Federal impediu, por meio do decreto-lei 3199, art. 54, a partida entre moças. “O texto trazia de forma mais geral que as mulheres não deveriam praticar esportes que não fossem adequados a sua natureza”, diz um trecho da reportagem.

Somente em 1979, a lei caiu por terra e, finalmente, o futebol feminino ganhou uma repaginada no país. Desde então, a modalidade tem evoluído, ainda em modo lento. Mas a realidade que temos hoje é de que, ainda falta muita política pública, incentivo privado e público, e igualdade para o esporte na modalidade feminina no Brasil e, em especial, no estado de Alagoas.

Partindo deste debate político-social, a proposta desta reportagem multimídia foi focar nas histórias de três atletas alagoanas e, através de elementos textuais, visuais e áudio, relatar e expor a trajetória sofrida de cada personagem, suas dificuldades e barreiras enfrentadas fora das quatro linhas, em busca do sonho de se tornar jogadora de futebol profissional em Alagoas.

Ouvir, dialogar, questionar e escutar. “A reportagem é a arte da escuta” (BRUM, 2017, p. 7) frase retirada do livro de reportagens *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* de Eliane Brum (2017), que serviu de inspiração para a construção desta reportagem.

Do Sertão alagoano, no município de Dois Riachos, saiu a maior jogadora de futebol feminino de todos os tempos: Marta Silva, nascida em 19 de fevereiro de 1986, revelada como atleta profissional pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, com apenas 14 anos, em 2000. A partir dela, dos feitos dela, o futebol feminino ganhou novos olhares da sociedade. Para muitos, as mulheres não tinham técnica e Marta derrubou essa tese por terra.

Como disse René Simões, “Mulheres, sim mulheres brasileiras jogando futebol de homem, com qualidade de homem. Com beleza de homem. Onde estava escondido esse dom que ninguém havia descoberto ainda?” (SIMÕES, 2007, p.1), sobre a final das Olimpíadas de Atenas, em que o Brasil perdeu o ouro.

A alagoana é um marco na história da modalidade em nível mundial, mas, principalmente, para o estado. Os jogos olímpicos na Grécia foram uma virada de chave para a prática do futebol feminino no Brasil. Marta, Formiga e companhia, mostraram que sim, que as mulheres brasileiras jogavam tão bem quanto os homens. As mulheres da seleção feminina viraram a cabeça dos homens e eles tiveram que admitir que futebol também é coisa de mulher (Simões, 2007).

Inspiração para mim e para todas as personagens que estão nesta grande reportagem, a atleta foi inspiração para a implantação de uma das maiores competições de futebol feminino no estado, a Copa Rainha Marta, que chegará à 8ª edição em 2023. O evento esportivo foi idealizado pelo Governo de Alagoas, através da Secretaria do Esporte, Lazer e Juventude (Selaj), à época comandada por Cláudia Petuba, no Governo de Renan Filho. O objetivo é fomentar e incentivar a prática do esporte pelas mulheres, e apoiar as equipes amadoras.

Como mencionado acima, Marta foi e continua sendo inspiração para jovens atletas alagoanas, que é o caso das personagens Marisa Alves, Ana Beatriz Gomes e Ingrid Lima. Cada uma com a sua trajetória e histórias de vidas diferentes, seja de sucesso, de construção de sonhos ou realização desses. Advindo de contextos sociais diferentes, cada uma delas, passaram e, ainda passam, pelas mesmas barreiras: preconceito, discriminação, não incentivo e falta de oportunidade. Mas todas carregam dentro de si o amor, paixão e o talento com a bola nos pés.

Portanto, o objetivo desta reportagem foi, através dos relatos de história de vida dessas personagens, buscar entender quais as problemáticas que ainda atrasam a evolução do futebol feminino como um todo. Bem como discutir e debater o que falta para que a modalidade, em Alagoas, cresça, evolua e consiga se aproximar, ou até mesmo igualar ao nível do esporte no Sudeste do país.

A Terra da Rainha Marta tem talentos e muitos se perderam e continuam sendo desperdiçados pela falta de incentivo e de oportunidade, como é o caso de Marisa Alves. De garotas, como Ana Beatriz Gomes, que precisou sair da terra natal para ter mais meios e chances de se profissionalizar. Em contrapartida e, em meio à obscuridade de decidir pôr uma chuteira nos pés, Ingryd Lima chegou lá, mesmo com as dificuldades que enfrentou jogando bola em Alagoas.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL:

Produzir uma reportagem multimídia com elementos de textos, imagens e áudio retratando a trajetória de vida de três atletas alagoanas de futebol feminino enfocando nas dificuldades e barreiras enfrentadas por elas para a prática e profissionalização do esporte em Alagoas, como falta de incentivos, de investimentos e preconceitos.

2.2. ESPECÍFICOS:

- Contar as histórias de três atletas naturais de Alagoas sobre as superações dos preconceitos, discriminação e falta de incentivo para fazer o que mais que é jogar bola;
- Através da trajetória das personagens, relatar as principais dificuldades e preconceitos sofridos por elas, não só no passado, mas como nos dias de hoje.
- Expor à sociedade as desigualdades, ainda evidentes, entre os homens e as mulheres para a prática futebol e as políticas públicas;
- Conscientizar sobre a importância de incentivar as mulheres em qualquer esporte e, principalmente, de que o lugar delas é onde elas quiserem;
- Criar um espaço de debate democrático.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Práticas de Esportes e Atividade Física, publicada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o futebol é o principal esporte praticado pelo brasileiro. Em 2015, 15,3 milhões de pessoas praticavam futebol como principal modalidade esportiva, e este número representou 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de algum esporte no País. (IBGE, 2015).

Ainda segundo a pesquisa, considerando pessoas de 15 anos ou mais de idade que praticaram algum esporte, no período de referência de 365 dias (%), o futebol foi praticado prevalentemente por homens, correspondendo a 94,5% dos praticantes dessa modalidade. Enquanto o sexo masculino possui uma porcentagem de 62,3% na prática do esporte, apenas 36,8 % das mulheres praticavam futebol à época da pesquisa. Os dados foram coletados entre 27 de setembro de 2014 a 26 de setembro de 2015 (IBGE, 2015).

Conforme Wenez e Martins (2020), como em tantos outros países, no Brasil, o espaço para a prática do futebol tem sido, historicamente, reservado aos homens e para expressão da masculinidade e agressividade. Mas quais seriam os motivos para isso? Para muitos, o futebol feminino é inviável, como defendem as autoras Wenez e Martins:

Ditas estruturas políticas, de relações de poder e legitimação, pautam uma política de inclusão ou exclusão das mulheres nas práticas esportivas que permeia a gestão e o desenvolvimento da prática do futebol por mulheres, tanto a nível regional quanto nacional. Identificamos que tanto a divulgação, quanto o incentivo não só econômico, mas também do ponto de vista de formato, são invisibilizados. (WENETZ; MARTINS, 2020, p.11).

Como afirma Ramires, o futebol é tradicionalmente estimulado para os meninos, já bem pequenos, enquanto as meninas devem se voltar para atividades mais ligadas ao “feminino”, à arte e ao belo. O que contribui, socialmente, para que a participação de mulheres no futebol ainda cause preconceitos.

Não à toa, as escolinhas de futebol são majoritariamente ocupadas por garotos, enquanto as classes de balé recebem as garotas. A inversão de participantes dessas turmas, mesmo no século XXI, causa

estranhamento e assim, a lógica de que existem espaços, cores, tarefas e profissões exclusivos para homens e mulheres reforçada (RAMIRES, 2020, p. 502)

Em Alagoas, a história se repete. Em 2023, há apenas três times, exclusivamente femininos, filiados à Federação Alagoana de Futebol (FAF), são eles: Guerreiras, Acauã e o União Desportiva Alagoana, segundo a própria entidade. Número extremamente gritante mesmo após 13 edições de Campeonato Alagoano de futebol feminino e, pior ainda, se comparar a outros estados do Sul do país como São Paulo, Rio de Janeiro, no mais, clubes como CRB, Aliança, Dínamo, Clube Atlético Alagoano, Cruzeiro de Arapiraca possuem elenco feminino, mas são aliados à federação por causa dos elencos masculinos.

Desde 2009, quando a FAF instaurou o campeonato estadual feminino, a competição apresentou instabilidade no número de equipes inscritas. Por exemplo, em 2012, o regional esteve no auge do número de participantes com 12: Cesmac, União Desportiva, Sete de Setembro, ECA, CSE, 8 de Março, Santa Cruz, Vila Nova, Ipanema, Lisbonense, Dínamo e AZP. Desses times citados, hoje em dia, apenas UDA, Dínamo e Desportiva Aliança ainda se mantêm vivos. Em contrapartida, no ano seguinte, em 2013, a quantidade de participantes caiu drasticamente para quatro equipes que competiram no Alagoano.

Para tentar recuperar o incentivo às equipes femininas e, principalmente, aos que fazem o futebol feminino em Alagoas, bem como fomentar a prática do esporte em todo o estado, o Governo de Alagoas, por meio da Secretaria do Esporte, Lazer e Juventude (Selaj) e da FAF, idealizaram a Copa Rainha Marta. A primeira edição da competição amadora, realizada em 2015, trouxe ao panorama regional clubes como CSA e o ASA que colocaram equipes para disputar o torneio.

De 2015 e 2016, o Campeonato Alagoano de futebol feminino foi realizado atrelado à Copa Rainha Marta. Em ambas as edições, a UDA levantou o troféu dando sequência a uma série de títulos, desde 2013, e consagrando-se a maior equipe de futebol feminino no estado. Uma das personagens que formam essa reportagem multimídia foi revelada por essa equipe, a Ingryd Lima.

Já em 2017, a FAF voltou a realizar o Campeonato Alagoano de futebol feminino que contou com oito equipes. Nos dois anos seguintes a competição manteve

uma média de seis clubes inscritos. Até que, em 2020, durante a pandemia de Covid-19 não houve o regional. Alagoas foi um dos estados que não realizou o campeonato estadual. Passados os tempos sombrios da doença que ceifou milagres de vida, o Alagoano volta a ser realizado em 2021 com sete clubes inscritos. Desta vez, o CRB consagrou-se campeão alagoano e quebrou um tabu de sequências de títulos da UDA.

Em paralelo ao Campeonato Alagoano de Futebol, desde 2015, a Copa Rainha Marta tem sido importante na fomentação de equipes amadoras, que não possuem condições financeiras nem incentivos para se filiarem à Federação e poderem participar do campeonato estadual. Por sua vez, por anos, esses times eram excluídos da única competição oficial do estado.

Em 2022, a Copa Rainha Marta, em sua 7ª edição, se consolidou com uma das maiores competições de futebol feminino do Nordeste com 30 equipes da capital ao Sertão do estado, proporcionando esporte e lazer a 600 atletas. A competição tornou-se uma janela de oportunidade para os grandes clubes do estado.

Sendo assim optei por escrever uma reportagem multimídia tendo em vista que boa parte da minha experiência no mercado de trabalho, enquanto estágio, foi com o webjornalismo produzindo reportagens cujo texto dialoga com imagens, vídeos e outros recursos. Elementos esses que vão além da tradicional cobertura impressa como destaca Ferrari:

Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa, textos, fotos e gráficos. Pode-se adicionar sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas. Até mesmo o texto deixou de ser definitivo - um e-mail com comentários sobre determinada matéria pode trazer novas informações ou um novo ponto de vista, tornando-se, assim, parte da cobertura jornalística. (FERRARI, 2003, p.39)

Blois Nunes (2026) diz que o progresso tecnológico proporcionou inúmeras possibilidades de criar uma reportagem no ambiente on-line com vídeos, imagens, áudios, entre outros recursos. Ao analisar a produção do jornalismo da internet, o autor afirma que é importante o jornalista compreender os meios utilizados na elaboração da matéria em uma plataforma online para torná-la mais atraente aos leitores.

Assim como Brum (2017), essa reportagem multimídia busca encontrar nessas jovens e mulheres o que as motiva a seguir descalças em um caminho tão doloroso, mas tão gratificante.

Em cada rua do mundo, seja de floresta ou de concreto, busco aquilo que faz tantos brasileiros andar pelo mapa, às vezes descalços. Aquilo que move tantos de nós a ancorar no dia seguinte – e um dia depois do outro. Meu ofício é encontrar o que torna a vida possível apesar de tudo, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, a vida na morte. É esse o mistério que me fascina. (BRUM, 2017, p. 8)

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

4.1 Escolha do gênero

Na vida possuo dois amores: praticar esporte, aquilo que faço por amor e hobbie, e o jornalismo, aquilo que faço por amor e como profissão que escolhi. Nesta reportagem eu uni minhas duas maiores paixões, pois o desejo de fazer uma produção jornalística, como trabalho de conclusão de curso, voltada para o futebol feminino sempre surgiu desde os primeiros períodos da graduação.

Jogo bola desde quando me conheço por gente, inicialmente na rua, como todas as garotas. Por ser praticante da modalidade, por ter passado por dificuldades e preconceitos por apenas jogar bola em Alagoas, decidi, então, usar minha ferramenta de transformação social, minha habilidade textual para trazer à tona histórias de superações e de força de vontade, de pessoas que tive o prazer de conhecer ao longo da minha vida através do futebol.

Com a possibilidade de inserir fotos, vídeos, áudio, gráficos, além do texto, a reportagem ficaria mais atraente e dinâmica para o leitor e, conseqüentemente, uma leitura menos cansativa. Como afirmou Canavilhas (2001), se colocar diferentes elementos multimídia na reportagem altera o processo da produção da notícia para o jornalista, para o leitor não é diferente, a forma de ler muda radicalmente.

Portanto, através da reportagem multimídia eu teria mais liberdade para produzir uma grande reportagem e com elementos visuais e audiovisuais que proporcionassem ao leitor uma imersão na temática, bem como na leitura.

Com a possibilidade de usar diversas mídias, como vídeos, áudios, fotos, escolhi utilizar o site Wix, uma plataforma gratuita e que permite o manuseio desses elementos dando uma dinamicidade à leitura, o que pede uma reportagem multimídia. O título do site “Fora das quatro linhas” foi escolhido ainda na produção do pré projeto de TCC quando decidi falar das experiências extra campo das atletas aqui no estado. Um panorama da vida e trajetórias delas, de fato, fora das quatro linhas do campo de futebol.

A reportagem está alojada neste link <https://foradasquatrolinhas.wixsite.com/futebolfemininoemal/post/julita-linda> e foi publicada por mim em 24 de maio.

4.2 Pautas

Escolhido o tema e o gênero a ser produzido foi o momento de traçar as pautas e escolher as personagens. A princípio a ideia era contar histórias de três atletas alagoanas de futebol, como foi ou tem sido a trajetória delas dentro do esporte e, através dessas narrativas, expor as dificuldades, preconceitos, entre outros pontos.

Cada personagem traria uma perspectiva diferente e traria diversas discussões voltadas para políticas públicas, avanços e melhorias na modalidade, especialmente em Alagoas. Ficou dedicado então que eu atravessaria três gerações: uma personagem que não conseguiu se profissionalizar no futebol, outra que está buscando esse sonho e, por fim, uma jovem que conseguiu superar as dificuldades e hoje vive, em todos os sentidos, apenas do futebol.

Dentro dessas três narrativas, busquei extrair ao máximo das personagens quais foram suas maiores barreiras para praticar o esporte, o que faltou, o que ainda falta, o que pode ser melhorado e o que já avançou, e o que ainda permanece igual entre outros pontos.

Para a primeira pauta “Sonhos que não se concretizaram” entrevistei duas personagens. Marisa Alves e July Oliveira, ambas praticamente da mesma época. Hoje elas são estudantes de Educação Física e, fora das quatro linhas, auxiliam e incentivam outras garotas a concretizarem o sonho que elas não conseguiram, mas não por falta de talento, e sim de oportunidades e investimentos.

Porém, diante do pouco tempo para a produção da reportagem, foquei apenas em Marisa Alves. A entrevista com ela foi feita pessoalmente no dia 24 de agosto de 2022, no bloco do curso de Educação Física, na Universidade Federal de Alagoas. Na ocasião, busquei fazer perguntas pontuais, questionamentos específicos que foram trazidos na reportagem, e ouvir mais a história dela.

Busquei inspiração na jornalista Eliane Brum, profissional com um olhar diferenciado para apuração, entrevista e narração de histórias. Assim como Brum, sempre gostei de escutar e observar o próximo até mais do que perguntar. Como disse um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro, Caco Barcellos, no prefácio do livro “O Olho da Rua” da jornalista: “Reportagem, para Eliane, é um ato de entrega, de

envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem” (p.6).

A entrevista com Marisa Alves foi a única realizada presencialmente por ela residir em Maceió à época do encontro. O contato com ela para o convite de participação no TCC foi pelo celular. Expliquei a ela os meus objetivos e o que eu queria transmitir por meio da reportagem e que a história dela se encaixava em uma das narrativas: a da personagem que não conseguiu realizar o sonho de se tornar jogadora de futebol profissional.

Após aceitar o convite, marcamos a entrevista que ocorreu na Ufal em uma das salas do bloco de Educação Física. Para o momento havia preparado um roteiro de perguntas, cerca de 10 questionamentos apenas. No entanto, eram perguntas diretas e pontuais para extrair o máximo de informações da entrevistada. Questionamentos como: Como foi seus primeiros contatos com o futebol? Como foi sua infância dentro do esportes? Em que determinado momento você percebeu que estava sendo discriminada? Como era a relação da sua família com o seu praticar? Entre outras.

No início Marisa ficou nervosa, sem saber bem como responder aos questionamentos. Mas tentei acalmá-la, que a gravação seria apenas registro para tornar a escrita da reportagem mais fiel aos fatos e às falas dela, bem como falei que extrairia algum trecho da fala dela em áudio para a reportagem. Deixei claro que a entrevista seria um bate-papo para deixá-la confortável e deu certo.

A entrevista durou cerca de uma hora corrida e foi bem proveitosa, passados os dez primeiros minutos, Marisa foi se soltando e relatando sua trajetória, suas dificuldades e visões em relação ao futebol e como foi e como tem sido para ela.

Após gravar com a primeira personagem, eu já tinha marcado entrevista com as próximas entrevistadas, Ana Beatriz Gomes, de 13 anos, e a mãe dela, Fernanda Peixoto. Quando pensei na segunda pauta para falar de uma menina que está em busca do sonho de ser jogadora, imediatamente pensei em Bia por já conhecer a história dela e o apoio que ela recebe da família.

À época que eu fiz o convite diretamente à mãe, por ela ser de menor, ambas já estavam morando em São Paulo, então a entrevista teria que ser de forma remota. Tanto Bia quanto Fernanda aceitaram prontamente participar do trabalho.

No dia 26 de agosto, por volta das 19h, realizamos a videochamada pelo *Google Meet*. A entrevista durou cerca de uma hora também, com um pouco de dificuldades na compreensão do áudio por causa da internet. Para extrair as informações, gravei a entrevista para garantir as falas e os fatos.

Assim como a entrevista de Marisa, tentei intervir pouco com perguntas pontuais e diretas para ouvir mais os relatos da personagem sobre a trajetória dela, como foi a infância em relação ao esporte. Me surpreendi com alguns episódios sofridos por elas, bem como a maturidade dela ao longo da entrevista. A mãe também trouxe indagações e afirmações importantes para a reportagem, pois é a pessoa que acompanha ela desde o início e tem sido fundamental no processo de construção e amadurecimento de Bia.

Apesar de nova, a personagem tinha muito o que oferecer para a reportagem e o propósito dela. Especialmente na comparação com o futebol no Estado de São Paulo e Alagoas, pois a jovem atleta saiu da Terra natal para ir “tentar a vida” em outro local.

Em contrapartida, a história que finaliza a reportagem é a de Ingrid Lima, que dos campos ‘torrão’ do Ouricuri, da periferia maceioense, foi brilhar no Wembley Stadium, na Inglaterra. Esta foi a pauta que mais demorou a sair. Além de Ingrid, eu tentei outras atletas alagoanas que se consagraram no futebol. Inicialmente dialoguei com Brenda Woch, atacante do Toluca FC, do México. Ela topou de primeira, mas ao longo do processo, fiz várias tentativas, mas não rolou a entrevista.

Ainda entrei em contato com outra jogadora, Sofia Sena, que está em Portugal, Emily Sorriso, que jogou no Corinthians. Mas nenhuma delas saiu do campo das ideias. Tudo isso atrasou mais ainda o processo da finalização da reportagem, tendo em vista que ela traz três perspectivas de vidas e estava faltando a última personagem.

Quase seis meses depois de ter gravado com as duas personagens, fiz os primeiros contatos com Ingrid por meio das redes sociais, em seguida, tive a oportunidade de encontrá-la pessoalmente e reforcei o pedido. Ela topou fazer parte desse projeto e se colocou à disposição, tendo em vista que acompanhei um pouco de perto o crescimento dela no futebol por ter jogado junto com ela.

Por estar morando em São Paulo, pois ela joga pela Ferroviária, conversamos pelo WhatsApp sobre as possibilidades para a viabilização da entrevista. Porém, a

personagem tem uma rotina muito corrida e foram necessárias várias solicitações e apelos para fazermos a entrevista. Após entrarmos em um consenso que não conseguiria realizar a entrevista, a própria entrevistada sugeriu que eu enviasse a elas as perguntas e ela responderia por áudio.

Em abril enviei as primeiras perguntas, que considerava essenciais para ao menos tornar o texto com falas autorais. Usei o mesmo padrão de perguntas que fiz às outras entrevistadas. À época, Ingryd estava viajando à Inglaterra para disputar os jogos pela Seleção Brasileira.

Apesar da correria, ela conseguiu me responder com três áudios de pouco mais de um minuto. Até então, a produção da escrita da reportagem estava travada, pois faltava essa última personagem. No entanto, fui adiantando o que podia com as informações que ela me passou. Cheguei a enviar mais questionamentos, pois queria explorar muito mais a trajetória dela, porém não consegui retorno.

Para a construção da terceira pauta, recorri à relatos dela nas redes sociais em momentos importantes da carreira, os quais eu trago na reportagem, bem como a uma entrevista concedida à TV Gazeta em 2019.

Quanto ao processo de produção do texto, da reportagem, eu fui escrevendo de forma paralela após as entrevistas. Então, logo após as entrevistas Marisa, Bia e a mãe dela, eu adiantei boa parte da reportagem, restando apenas a última entrevistada que era a pendência.

Quanto às imagens, nenhuma delas eu consegui produzir de maneira autoral. Pois, a maioria são arquivos pessoais, são fotos antigas de infância, então não tinha como produzir um conteúdo visual autoral. Portanto, recorri às redes sociais das personagens para trazer esse recurso visual à reportagem.

Através dessas histórias vivas, me emocionei e me vi por diversas vezes em situações semelhantes. No processo de produção jornalística tiveram duas Julitas: a atleta e amante do futebol, e a jornalista, questionadora social.

5. RESULTADOS

O jornalismo vai muito além de entrevista, apuração e questionamento. Jornalismo é ouvir, escutar, dialogar, cabendo ao profissional que o exerce, o jornalista, se colocar na pele do outro - o personagem - e entender que não há verdade absoluta, mas que há diversas visões de mundo. De forma imparcial, compreender, traduzir e colocar à tona essas visões carregadas de histórias.

Ao longo do meu curso de jornalismo na Ufal tive contato com diversos teóricos e estudiosos da área. Mas sempre tem alguns que nos marcam, que a gente se identifica. Uma delas foi a jornalista Eliane Brum, profissional com um olhar diferenciado para apuração, entrevista e narração de histórias. Assim como Brum, sempre gostei de escutar e observar o próximo até mais do que perguntar. Acredito que o produto final tem muito disso, mais escuta do que questionamentos.

Escolher o tema e o tipo de produto a ser produzido foi a parte mais fácil de todo esse processo. Primeiro porque futebol é algo que faz parte da minha vida desde quando me conheço por gente e por ter passado na pele tudo o que foi citado ao longo da reportagem. Quanto ao produto jornalístico, desde os primeiros períodos de curso eu estagiei no jornalismo digital, no webjornalismo. Então, conseqüentemente seria mais prático e proveitoso fazer uma reportagem multimídia tendo em vista que, pelas redações em que passei, já produzi algumas matérias especiais e que exigiam os mais diversos recursos, além de fotos e texto.

Mas não foi fácil concluir esse trabalho, muito menos chegar até aqui, apesar de ser um tema ao qual estou inserida pessoalmente. Aí que se torna mais difícil me afastar do objeto para estudá-lo, analisá-lo. Outro fator que prejudicou muito minha produção foi a falta de dados e de fontes referentes ao assunto na regionalidade. No entanto, como a minha orientadora falou, “não ter dados é ter dados”.

Acredito que alguns empecilhos com as entrevistadas também atrapalhou um pouco o processo de construção do texto, bem como a desmotivação causada durante o período pandêmico.

Mas aqui chegamos à conclusão e não tenho dúvidas que esta reportagem multimídia contou histórias de superação, frustrações, desafios e conquistas formando uma narrativa multimídia, criando um universo, segundo Henry Jenkins. Afinal, trata-se

de uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias e que faz novas exigências aos consumidores (JENKINS, 2008).

Através dos recursos multimídias, o leitor viaja em um universo de histórias conectadas por coisas boas e ruins, além de tratar de problemáticas envolvendo o espaço da mulher dentro do futebol.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo despertar, fomentar, gerar uma inquietude ao leitor/público para o debate social das problemáticas que ainda cercam o futebol feminino em Alagoas. Além de mostrar que o assunto deve ser abordado com mais frequência.

As histórias aqui contadas são sensíveis e tocam na ferida da sociedade brasileira, do poder público, pois pontuam diversos problemas sociais que convivemos diariamente. Quando pensamos que as coisas estão avançando em ritmo acelerado, sempre tem algo que acende o alerta para que, não, as mulheres sejam verdadeiramente valorizadas em cada espaço que elas buscam estar.

Por se tratar de relatos intimistas, pois tratamos de preconceitos, discriminações, tive o maior cuidado, com base no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em abordar e trazer, como jornalismo, essas questões sem expor as personagens, de uma maneira empática, mas também que traga impacto ao leitor.

Como já dito, tive dificuldades com fontes e dados sobre o tema, mas no jornalismo a gente só precisa de fatos para transformar em matéria. E o que eu trouxe aqui são fatos vividos e narrados pelas personagens, levando ao leitor informações sobre o cenário do futebol feminino em Alagoas na perspectiva de três gerações.

Contudo, espero que esta reportagem sirva de base para muitos, e torço para isso, trabalhos que busquem colocar uma lanterna no futebol feminino alagoano. Sim, houve grandes melhorias e avanços, mas é preciso ainda mais.

7. REFERÊNCIAS

Alagoana Ingrid Lima está de férias em Alagoas e bateu falou com a reportagem da TV Gazeta. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/8192380/>> Acesso realizado em 24/02/2023.

BLOIS NUNES, Bruno. **A produção do jornalismo esportivo na internet.** Editora Appris. Curitiba. 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/books/edition/A_produ%C3%A7%C3%A3o_do_jornalismo_esportivo_na/bh80DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=a+produ%C3%A7%C3%A3o+do+jornalismo+esportivo+na+internet+bruno+blois&printsec=frontcover> Acesso realizado em 29 de junho de 2023.

BARLEM, C.; KESTELMAN, A. **A história do futebol feminino no Brasil.** Disponível em:<<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>> Acesso realizado em 30 de setembro de 2021.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real.** 2ª edição revisada. Editora Arquipélago Editorial. Porto Alegre, 2017.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web.** Porto: Universidade de Beira Interior, 2001.

Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/704536/>> Acesso realizado em 07/02/2023.

Copa do Mundo 2019 mostra que futebol feminino está mais popular do que nunca. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48550090>> Acesso realizado em 07/02/2023.

Definindo o ritmo. Relatório de avaliação comparativa da FIFA do futebol feminino. Disponível em: <<https://digitalhub.fifa.com/m/3ba9d61ede0a9ee4/original/dzm2o61buenfox51qjot-pdf.p>> Acesso realizado em 23/03/2021.

Dos Santos. **As formas de preconceito no futebol feminino.** Brasil, 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd180/preconceito-no-futebol-feminino.htm>> Acesso realizado em 24/02/2023.

Emocionante! Veja o discurso de Marta após eliminação na Copa do Mundo! Veja o vídeo! Canal Rede Contínua. <<https://www.youtube.com/watch?v=RN2PT3ghQqE>> Acesso realizado em 07/02/2023.

Exposição mostra quando futebol feminino era clandestino no Brasil. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/esporte/2015/05/1631227-exposicao-em-sao-paulo-resgata-historia-do-futebol-feminino-no-brasil.shtml>> Acesso realizado em 24/05/2023.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital.** São Paulo: Contexto, 2003.

Futebol Feminino: cotidiano enfrentadas por mulheres apaixonadas pelo esporte. Disponível em: <<https://agent.pucsp.br/noticias/futebol-feminino-cotidiano-enfrentadas-por-mulheres-apaixonadas-pelo-esporte>> Acesso realizado em 24/02/2023.

Futebol na Terra da Rainha: os desafios de uma garota boa de bola para se tornar profissional. Disponível em: <<https://ge.globo.com/al/noticia/2022/06/18/futebol-na-terra-da-rainha-os-desafios-de-uma-garota-boa-de-bola-para-ser-profissional.ghtml>> Acesso realizado em 30/07/2022.

Gol olímpico de Ingrid é escolhido como o mais bonito do Brasileiro. Disponível em: <<https://esportesnet.com.br/gol-olimpico-de-ingryd-e-escolhido-como-o-mais-bonito-do-brasileiro/>> Acesso realizado em 24/02/2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Práticas de Esportes e Atividade Física, 2015.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008. (trad. Susana Alexandria)

TELLES, M. **A origem do futebol feminino: uma história de desigualdade.** 12 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.retromania.com.br/blog/rainha-marta-a-melhor-da-historia/>> Acesso realizado em 30 de setembro de 2021.

Manchete anuncia ação para impedir o Futebol Feminino em 1940. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/616834/#:~:text=180%20da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o.,%C3%A0s%20entidades%20desportivas%20do%20pa%C3%ADs.%22>> Acesso realizado 22/05/2023.

RAMIRES, Lídia. Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho: quem (não) as deixa trabalhar?. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 501-509, 2020.

SIMÕES, R. **O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

WENETZ, I.; MARTINS, M, Z. **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas pública.** Curitiba: CRV, 2020. 206p. (Coleção Academia e Futebol – volume I).

APÊNDICES

APÊNDICE 1

RETRANCA: SONHOS QUE NÃO SE CONCRETIZARAM

REPÓRTER: JULITA BITTENCOURT

PAUTEIRO: JULITA BITTENCOURT

ENTREVISTADA: MARISA ALVES

FUNÇÃO: ESTUDANTE E ATLETA DE FUTEBOL

CONTATO: (82) 993815432

LOCAL: BLOCO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFAL

FOCO: MESMO SEM SE TORNAR PROFISSIONAL, ATLETA FALA DAS DIFICULDADES EM FAZER O QUE MAIS AMA EM ALAGOAS

O QUE QUEREMOS: MARISA ALVES, DE 34 ANOS, NASCEU EM CAMPO ALEGRE, INTERIOR ALAGOANO, ONDE BOA PARTE DA INFÂNCIA JOGOU BOLA NA RUA COMO FORMA DE BRINCADEIRA. INFELIZMENTE, JOGAR BOLA NUNCA PASSOU DE BRINCADEIRA PARA ELA QUE SOFREU COM DIFICULDADES, PRECONCEITOS E FALTA DE APOIO E INVESTIMENTO. E É ISSO QUE QUEREMOS CONTAR ATRAVÉS DA HISTÓRIA DELA, DA CARREIRA E DA VIVÊNCIA DE MARISINHA DENTRO DO FUTEBOL EM ALAGOAS.

VAMOS CONVERSAR COM MARISA PARA SABER COMO FOI A INFÂNCIA DELA NO INTERIOR DO ESTADO, SE POR ALGUM MOMENTO ELA SONHOU EM REALMENTE SER PROFISSIONAL DO FUTEBOL E SE ELA ACREDITAVA NISSO. COMO ERA A RELAÇÃO DELA COM OS PAIS E OS IRMÃOS, TENDO EM VISTA QUE AQUELA ÉPOCA, A SOCIEDADE, PRINCIPALMENTE NOS INTERIORES, AINDA TINHA MENTALIDADE MACHISTA E IGNORANTE, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO AO ESPAÇO DA MULHER E OS AFAZERES DELA.

VAMOS SABER COMO FOI TODA A TRAJETÓRIA DELA DENTRO DO FUTEBOL, AS OPORTUNIDADES QUE CHEGARAM E NÃO SE

CONCRETIZARAM, E QUAIS OS RUMOS QUE ELA, DENTRO DO ESPORTE, PRECISOU TOMAR PARA CONTINUAR FAZENDO O QUE MAIS AMA.

BEM COMO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DELA, FAZER UM PANORAMA DO QUE MUDOU EM RELAÇÃO AO FUTEBOL FEMININO EM ALAGOAS DA ÉPOCA DELA PARA AGORA. SABER QUAIS OS AVANÇOS E MELHORIAS DENTRO DA OPINIÃO DELA, O QUE PRECISA SER FEITO AINDA PELA MODALIDADE, ENTRE OUTROS QUESTIONAMENTOS.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS: COMO CONHECEU E QUAL FOI O PRIMEIRO CONTATO COM O FUTEBOL? COMO ERA A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA? ELES APOIAVAM? IMPEDIAM A PRÁTICA DO ESPORTE? COMO VOCÊ VIA O FUTEBOL AINDA QUANDO CRIANÇA? QUANDO E COMO VOCÊ PERCEBEU QUE QUERIA SER ATLETA PROFISSIONAL? QUAIS EXPERIÊNCIAS QUE JÁ PASSOU FORA DE ALAGOAS? QUAIS PRINCIPAIS PRECONCEITOS E DIFICULDADES QUE JÁ SENTIU NA PELE? O QUE FALTOU PARA SE TORNAR PROFISSIONAL? O QUE VOCÊ ACHA QUE PRECISA MELHORAR NO FUTEBOL FEMININO ALAGOANO? QUAIS OS AVANÇOS JÁ SENTIDOS POR VOCÊ?

INFORMAÇÕES: MARISA ALVES É ESTUDANTE DE LICENCIATURA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. HOJE, AOS 34 ANOS, JÁ É FORMADA PELA INSTITUIÇÃO EM HISTÓRIA E JOGA FUTEBOL AMADOR.

A PERSONAGEM TEM UMA TRAJETÓRIA LINDA DENTRO DO FUTEBOL, UMA DAQUELAS QUE NÃO FALTOU TALENTO, MAS SIM OPORTUNIDADES. UM SONHO QUE NÃO SE CONCRETIZOU, NO ENTANTO, NÃO A AFASTOU DO ESPORTE QUE TANTO AMA E PRÁTICA DESDE QUE SE ENTENDE POR GENTE.

NASCIDA EM CAMPO ALEGRE, INTERIOR ALAGOANO, MARISINHA VEIO PARA MACEIÓ NA ADOLESCÊNCIA APÓS A MÃE PRECISAR DE MAIORES CUIDADOS COM A SAÚDE. A VINDA PARA A CAPITAL FOI UMA VIRADA

DE CHAVE EM SEU RELACIONAMENTO COM O FUTEBOL, POIS ATÉ ENTÃO ERA APENAS UMA BRINCADEIRA. ELA VIU E OS OUTROS VIRAM QUE ELA TINHA TALENTO, BOLA NO PÉ.

MARISA ATÉ TEVE ALGUMAS OPORTUNIDADES DE SAIR DE ALAGOAS PARA JOGAR BOLA, PORÉM NÃO TEVE APOIO E INVESTIMENTO PARA ARRISCAR. O TEMPO FOI PASSADO, FICANDO TARDE, E ELA PERCEBEU QUE O FUTEBOL SÓ SERIA REALMENTE UM HOBBIE, O QUE ACONTECE COM BOA PARTE DA MULHERES, INFELIZMENTE.

MAS ISSO NÃO A AFASTOU DO ESPORTE E HOJE ELA ESTUDA PARA ENTENDER MELHOR A TEORIA DAQUILO QUE TANTO FAZ BEM NA PRÁTICA E AJUDAR OUTRAS GAROTAS A CONCRETIZAREM O SONHO, QUE ELA NÃO CONSEGUIU, MAIS UMA VEZ, POR FALTA DE OPORTUNIDADE.

APÊNDICE 2

RETRANCA: JOVEM SAI DE ALAGOAS EM BUSCA DE SONHO

REPÓRTER: JULITA BITTENCOURT

PAUTEIRO: JULITA BITTENCOURT

ENTREVISTADA: FERNANDA TEIXEIRA

FUNÇÃO: MÃE DE BEATRIZ GOMES

CONTATO: 82 99826-0559

LOCAL: GOOGLE MEET

ENTREVISTADA: ANNA BEATRIZ GOMES

FUNÇÃO: ESTUDANTE E ATLETA DE FUTEBOL

FOCO: SEM OPORTUNIDADES NA TERRA DA RAINHA MARTA, JOVEM BEATRIZ GOMES SE MUDA PARA SÃO PAULO EM BUSCA DO SONHO

O QUE QUEREMOS: A JOVEM ANNA BEATRIZ GOMES, DE APENAS 13 ANOS, SONHA EM SE TORNAR JOGADORA DE FUTEBOL PROFISSIONAL DESDE QUANDO DESCOBRIU SUA PAIXÃO PELO ESPORTE. DURANTE TODA SUA INFÂNCIA E INÍCIO DE ADOLESCÊNCIA, A FAMÍLIA DE BIA TEM FEITO SACRIFÍCIOS PARA QUE A GAROTA CONCRETIZE O SONHO.

DIANTE DE TANTAS DIFICULDADES, DESVALORIZAÇÃO E PRECONCEITOS ENCONTRADOS EM ALAGOAS PARA SE TORNAR ATLETA DE FUTEBOL, BIA E SUA FAMÍLIA SE MUDARAM PARA SÃO PAULO APÓS UM CONVITE DO FÊNIX SÃO CAETANO FUTSAL FEMININO PARA SE JUNTAR À EQUIPE.

VAMOS CONVERSAR COM A ATLETA, SUA FAMÍLIA PARA SABERMOS UM POUCO MAIS DA TRAJETÓRIA DA JOVEM, DA INSPIRAÇÃO QUE BIA TEM POR MARTA SILVA, SEIS VEZES ELEITA A MELHOR DO MUNDO, QUAIS SACRIFÍCIOS REALIZADOS, DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS EM ALAGOAS E, PRINCIPALMENTE, SOBRE OS MOTIVOS PELO QUAL BIA E SUA FAMÍLIA SE MUDARAM PARA SÃO PAULO EM BUSCA DE MAIS OPORTUNIDADES DE SER VISTA E VALORIZADA NO ESPORTE.

VAMOS ATRAVÉS DESTA REPORTAGEM, MOSTRAR OS PRINCIPAIS ENTRAVES ENCONTRADOS POR UMA JOVEM ATLETA QUE SONHA EM SE TORNAR JOGADORA PROFISSIONAL DE FUTEBOL EM ALAGOAS.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA BIA: COMO CONHECEU O FUTEBOL? QUAL A PRINCIPAL INSPIRAÇÃO? COMO FORAM OS PRIMEIROS CONTATOS COM A BOLA? QUANDO E COMO ELA PERCEBEU QUE QUER SER ATLETA PROFISSIONAL? QUAIS EXPERIÊNCIAS QUE JÁ PASSOU FORA DE ALAGOAS? QUAIS PRINCIPAIS PRECONCEITOS E DIFICULDADES QUE JÁ SENTIU NA PELE? DE ONDE VEM TANTA FORÇA DE VONTADE E INSPIRAÇÃO?

SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA A FAMÍLIA: COMO TEM SIDO ESSE ACOMPANHAMENTO E GERENCIAMENTO DA CARREIRA DE BIA? DEVIDO A FALTA DE INVESTIMENTOS NO FUTEBOL EM ALAGOAS, QUAIS CAMINHOS VOCÊS PRECISARAM PERCORRER PARA BIA NÃO DESISTIR? QUAIS PRINCIPAIS PROBLEMAS VOCÊS JÁ ENFRENTARAM? O QUE VOCÊS ACHAM/PENSAM DA SITUAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO ALAGOANO, TEM EVOLUÍDO? O QUE FALTA PARA SER REFERÊNCIA COMO SÃO PAULO?

INFORMAÇÕES: ANNA BEATRIZ GOMES PEIXOTO TENÓRIO, MAIS CONHECIDA COMO BIA GOMES, É ALAGOANA E TEM APENAS 13 ANOS. ELA É NATURAL DE MACEIÓ, DO BAIRRO PINHEIRO. HOJE A GAROTA VIVE EM SÃO PAULO PARA ONDE SE MUDOU HÁ POUCO TEMPO, COM A MÃE FERNANDA PEIXOTO, SUA MAIOR INCENTIVADORA.

DESDE OS 4 ANOS DE IDADE QUE A MENINA JOGA BOLA APÓS VER NO PAI O MAIOR EXEMPLO DO ESPORTE. SEU BRINQUEDO FAVORITO NÃO ERA BONECA E SIM UMA BOLA. ERA JOGANDO FUTEBOL QUE A PEQUENA BIA SE DIVERTIA E SE ENCONTRAVA.

EM BOA PARTE DA INFÂNCIA, ELA JOGOU COM GAROTOS EM ESCOLINHAS SOFRENDO MUITO PRECONCEITO E DESCRÉDITO, POR SER APENAS MENINA. NO ENTANTO, FOI ENTRE OS MENINOS QUE BIA SE

DESTACOU E CHAMOU A ATENÇÃO. DESDE ENTÃO, A GAROTA E FAMÍLIA PEREGRINAM EM BUSCA DE ESPAÇO PARA QUE BIA GOMES SE TORNE ATLETA DE FUTEBOL PROFISSIONAL.

EM ALAGOAS, BIA GOMES ENCONTROU UMA INSPIRAÇÃO, MARTA SILVA. O BOM FUTEBOL DA GAROTA NÃO PASSOU DESPERCEBIDO PELA RAINHA, QUE HOJE, É UMA DAS MAIORES INCENTIVADORAS PARA QUE BIA NÃO DESISTA E CONQUISTE SEUS OBJETIVOS.

APESAR DE TER APENAS 13 ANOS, A JOVEM PROMESSA JÁ PASSOU POR VÁRIAS EXPERIÊNCIAS. A MENINA JÁ FEZ ALGUNS TESTES EM CLUBES PAULISTAS, PASSOU POR TREINAMENTOS FORA DE ALAGOAS E DO BRASIL. ATÉ QUE EM 2022, RECEBEU UM CONVITE DO GRUPO FÊNIX DE EDUCAÇÃO, DE SÃO CAETANO DO SUL/SP PARA INTEGRAR A EQUIPE SUB-13 DE FUTSAL FEMININO ATRAVÉS DE UMA BOLSA DE ESTUDOS.

AGORA BIA GOMES É FEDERADA PELA FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTSAL E ESTÁ DISPUTANDO O CAMPEONATO PAULISTA DE FUTSAL FEMININO SUB-13. POR ENQUANTO, ESSA ESTÁ SENDO A MELHOR DECISÃO TOMADA PELA FAMÍLIA DA JOVEM ATLETA, TENDO EM VISTA QUE, SE PERMANECER EM ALAGOAS, A TENDÊNCIA É QUE O FUTEBOL VIRE APENAS UM HOBBIE E NÃO PROFISSÃO PARA A JOVEM PROMESSA.

FONTE: <https://ge.globo.com/al/noticia/2022/06/18/futebol-na-terra-da-rainha-os-desafios-de-uma-garota-boa-de-bola-para-ser-profissional.ghtml>

APÊNDICE 3

RETRANCA: ALAGOANA DAR DRIBLE EM DIFICULDADES E SE TORNA PROFISSIONAL

REPÓRTER: JULITA BITTENCOURT

PAUTEIRO: JULITA BITTENCOURT

ENTREVISTADA: INGRYD LIMA

FUNÇÃO: ATLETA DA FERROVIÁRIA-SP

CONTATO: (11) 982982941

LOCAL: REMOTO

FOCO: DO VERGEL DO LAGO PARA O MUNDO, INGRYD LIMA SE TORNA UMA DAS ALAGOAS A VESTIREM A CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA

O QUE QUEREMOS: AO 25 ANOS, INGRYD LIMA, NATURAL DE MACEIÓ, VIVE O SONHO QUE TODA A GAROTA BRASILEIRA, ALAGOANA QUE JOGA BOLA, DESEJAM ALCANÇAR. A ATLETA ATUALMENTE É VOLANTE DA FERROVIÁRIA, UM DOS GRANDES CLUBES PAULISTA E BRASILEIRO. ALÉM DISSO, INGRYD CONSEGUIU UM FEITO INÉDITO, SE JUNTOU À MARTA SILVA E GEYSE FERREIRA A VESTIREM A CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PRINCIPAL DE FUTEBOL FEMININO.

QUEREMOS CONTAR A HISTÓRIA DE INGRYD QUE DOS CAMPOS ‘TORRÃO’ DO OURICURI, DE MACEIÓ, BRILHOU NO WEMBLEY STADIUM, EM LONDRES, VESTINDO A TRADICIONAL AMARELINHA. QUEREMOS CONTAR A TRAJETÓRIA DESSA JOVEM SONHADORA, OS PASSOS DADOS POR ELA, AINDA QUANDO NÃO TINHA PERSPECTIVA DE TORNAR ESSE SONHO REALIDADE. SABER COMO FOI A INFÂNCIA DELA EM UMA PERIFERIA MACEIOENSE, OS PRECONCEITOS AINDA SOFRIDOS QUANDO CRIANÇA POR SIMPLEMENTE JOGAR BOLA.

CONTAR COMO AS OPORTUNIDADES FORAM CHEGANDO E AS PORTAS SE ABRINDO. ELA, QUE AOS 21 INTEGROU O ELENCO DO CORINTHIANS FEMININO, UMA DAS MAIORES POTÊNCIAS DO FUTEBOL BRASILEIRO. E LÁ FEZ HISTÓRIA, CRAVOU O NOME DELA E DE ALAGOAS EM UMA

EQUIPE QUE FOI CAMPEÃ DA LIBERTADORES INVICTA, E COLECIONOU TROFÉUS AO LONGO DOS TRÊS ANOS ATUANDO PELO CLUBE.

QUEREMOS CONTAR COMO FORAM OS PRIMEIROS MOMENTOS DELA AO VESTIR A CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA. SONHO QUE TODA GAROTA ALMEJA. BEM COMO SABER DELA QUAIS AS MUDANÇAS QUE A MODALIDADE TEM PASSADO NO BRASIL E EM ALAGOAS. AS DIFICULDADES QUE ELA ENFRENTOU E OS AVANÇOS QUE ELA ACREDITA QUE OCORREM, BEM COMO AINDA PRECISAM ACONTECER.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS: COMO CONHECEU E QUAL FOI O PRIMEIRO CONTATO COM O FUTEBOL? COMO ERA A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA? COMO VOCÊ VIA O FUTEBOL AINDA QUANDO CRIANÇA? QUANDO E COMO VOCÊ PERCEBEU QUE QUERIA SER ATLETA PROFISSIONAL? QUAIS EXPERIÊNCIAS QUE JÁ PASSOU FORA DE ALAGOAS? QUAIS PRINCIPAIS PRECONCEITOS E DIFICULDADES QUE JÁ SENTIU NA PELE? QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE O FUTEBOL FEMININO EM SÃO PAULO E EM ALAGOAS? O QUE VOCÊ ACHA QUE PRECISA MELHORAR NO FUTEBOL FEMININO ALAGOANO? QUAIS OS AVANÇOS JÁ SENTIDOS POR VOCÊ? COMO FOI E COMO TEM SIDO AS EXPERIÊNCIAS COM A CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA?

INFORMAÇÕES: INGRYD LIMA É UMA DAS MAIORES ATLETAS DE FUTEBOL DO BRASIL ATUALMENTE, INGRYD LIMA. HOJE ELA É VOLANTE DA ASSOCIAÇÃO FERROVIÁRIA DE ESPORTES, DO ESTADO DE SÃO PAULO, E TEM VIVIDO O QUE MUITAS MENINAS SONHARAM, SONHAM E LUTAM EM CONQUISTAR: VESTIR E DEFENDER AS CORES DA SELEÇÃO BRASILEIRA.

ESSA HISTÓRIA É DE UMA DAS POUCAS ATLETAS ALAGOANAS QUE SONHARAM ALTO, TRABALHARAM DURO E COLOCARAM AS DIFICULDADES DE ESCANTEIO PARA CHEGAR AO MAIS ALTO PATAMAR DO FUTEBOL FEMININO, QUE É DEFENDER A SELEÇÃO BRASILEIRA.

INGRYD VEM DE UMA PERIFERIA MACEIOENSE E EM MEIO A TANTO PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO, DIFICULDADES, CONSEGUIU TRILHAR O CAMINHO DO FUTEBOL E SE TORNAR PROFISSIONAL E VIVER DAQUILO QUE TANTO AMA.

EM 2019, INGRYD LIMA ALAVANCA NA CARREIRA. SAI DO NORDESTE E, EM SÃO PAULO, NO CORINTHIANS DÁ INÍCIO A UMA LINDA TRAJETÓRIA DE GRANDES CONQUISTAS. NA TEMPORADA 2019, O CLUBE PAULISTA TERMINOU O ANO INVICTO E CONQUISTOU A LIBERTADORES, O BRASILEIRO E O CAMPEONATO PAULISTA. INGRYD SE TRANSFORMOU EM UM DOS PRINCIPAIS NOMES DO ELENCO.

POSTERIORMENTE, INGRYD FOI CONVOCADA PELA TÉCNICA PEI SUNDHAGE E EM 2021 ELA FEZ SUA ESTREIA COM A CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA. E TEM MOSTRADO SERVIÇO A CADA CONVOCAÇÃO.

Fonte: <https://esportesnet.com.br/gol-olimpico-de-ingryd-e-escolhido-como-o-mais-bonito-do-brasileiro/>
<https://globoplay.globo.com/v/8192380/>